

## EDITORIAL

No primeiro editorial que escrevo na Acta Pediátrica, depois de eleito Presidente da Sociedade Portuguesa de Pediatria, quero saudar todos os colegas Pediatras, e, dizer que é com muito empenho que vou continuar a trabalhar, naturalmente com o apoio da Direcção e de todos, em prol da Criança.

Quero deixar palavras de muito apreço aos anteriores Presidentes da Sociedade Portuguesa de Pediatria e suas equipas directivas com as quais tive o privilégio de colaborar, nomeadamente os Prof. Doutor Videira Amaral, Dr. Nicolau da Fonseca e Dr. Marques Valido.

Todos sabemos que a Pediatria atravessa dias difíceis, notando-se, uma falta de sensibilidade para os problemas da Criança e do Adolescente da parte dos Órgãos Governativos.

Os Pediatras são poucos para as exigências, sendo muito preocupante entre outros, o número insuficiente de vagas que tem sido abertas para os internatos de Pediatria. Veja-se o problema das urgências hospitalares e o chamado «hospitalo-centrismo», e a sua falência.

Os Pediatras deverão ser os médicos da criança, mas para esse facto como será óbvio, terão que existir em número suficiente.

No decorrer das suas funções assistenciais não deverão nunca descuidar os valores de humanização, com as suas componentes de competência, de actualização de conhecimentos, procurando o culto da tolerância e o respeito pela diferença sem autoritarismo ou repressão, não impedindo assim a satisfação de quem trabalha, e consequentemente prestando um melhor serviço aos doentes.

Será menos valorizável a vida de uma criança com limitações? Deverão os direitos humanos básicos serem

possuídos por todos os indivíduos em função da sua própria humanidade? São questões que nós surgem diariamente.

O médico é muitas vezes considerado o advogado do paciente, o cidadão, o especialista. Resulta desta situação também que os médicos integrados em hospitais em que frases como custo-benefício, custo-eficiência, demoras médias, racionalização de gastos, percentagens de ocupação, vão perdendo a sua serenidade pelo desajuste entre o que deveriam fazer e o que fizeram.

A medicina é cobiçada hoje pelos empresários e pelos financeiros. Dispõe de tecnologias cada vez mais caras e complexas, capazes de causar lesões. Os meios de comunicação social perceberam que os erros ou supostos erros, são uma boa notícia e vendem mais.

Acusações de mutilações, burla, suspeição, quase sempre infundadas, são desculpa para rapidamente informar, para pseudo-disciplinar, sem julgamento prévio.

O receio de cometer erros, motivou o «abandono» de algumas especialidades e o aumento desnecessário de despesas com exames complementares de diagnóstico.

Refere **PUIGVERT**, a medicina desumanizou-se, é mais tecnológica, transformou-se numa profissão de lucro.

Penso que generalizações deste tipo são menos verdadeiras e injustas.

Respeitemos as normas, as leis, não deixando nunca de reflectir e pugnar pelos valores morais e pelos valores que a consciência nos dita

*João Calheiros Lobo*